

ENTRE VICTOR HUGO E CASTRO ALVES: RELIGIOSIDADE E TRADUÇÃO

Pablo SIMPSON*

RESUMO: Este artigo pretende aproximar as poéticas de Victor Hugo e Castro Alves a partir da tentativa de compreensão de seu lugar religioso, em torno da presença de visões, da ideia de missão e do que Paul Bénichou definiu como um “sacerdócio poético moderno”. Discute, além disso, alguns caminhos das traduções empreendidas pelo poeta brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Victor Hugo. Castro Alves. Poesia brasileira. Poesia francesa. Religiosidade. Tradução.

É um truísmo afirmar o lugar central de Victor Hugo, poeta, romancista, dramaturgo e homem político, para a compreensão de parte da poesia brasileira do século XIX. E não só dela. No panorama francês, como se sabe, há dimensões importantes de Hugo na poesia de Baudelaire. Estão num poema como “*La fin de Satan*”, que permanece inédito em português e cuja tradução dos primeiros versos esboço aqui para evocar “O albatroz” de *Les Fleurs du Mal*¹:

Há quatro mil anos despencava no abismo.

Não pudera alcançar sequer um cimo,

Nem erguer desmesurado o rosto.

Submerso na sombra e na bruma, confuso,

Sozinho, e atrás de si, nas noites imortais,

Caíam ainda mais lentas plumas de suas asas [...]

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas. São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000 – psimpson@ibilce.unesp.br

¹ Confira Baudelaire (1991).

[*Depuis quatre mille ans il tombait dans l'abîme.*

Il n'avait pas encor pu saisir une cime,

Ni lever une fois son front démesuré.

Il s'enfonçait dans l'ombre et la brume, effaré,

Seul, et, derrière lui, dans les nuits éternelles,

Tombaient plus lentement les plumes de ses ailes.] (HUGO, 1887, p.7)².

No trecho, é possível observar as antíteses de Hugo frequentes, mais tarde, na poesia condoreira tanto quanto no poeta de *Les Fleurs du Mal*: nas asas e na queda. Antíteses que estariam em versos como “*Innocents dans un bain, anges dans un enfer*” do poema “*Mélancholia*” (HUGO, 1856, p.208)³, cujo tema sugerido pelo título é comumente associado a Baudelaire, como nos estudos de Jean Starobinski. Esboço também dele uma tradução, desta vez mais longa⁴, como modo de situar alguns caminhos interpretativos para a sua comparação com o poeta brasileiro Castro Alves. “*Mélancholia*” foi publicado em 1856 no livro *Les Contemplations*:

Para onde vão essas crianças que não riem?
Doces seres sonhadores, magros de febre?
Meninas de oito anos que andam sozinhas?
Vão trabalhar quinze horas sob engrenagens;
Do amanhecer à noite, fazem eternamente
Nesta mesma prisão o mesmo movimento
Agachadas sob os dentes de obscura máquina
Monstro abominável, que na escuridão mastiga.
Inocentes no cárcere, anjos num inferno,
Elas trabalham. Tudo é latão, tudo, ferro.
Elas nunca param, e nunca estão brincando.
Que palidez! Mesmo com as faces cinzas.
Nem bem nasceu o dia, estão esgotadas.
Nada compreendem do destino. É como
Se dissessem a Deus: “Pequenas como somos,

² Todas as traduções, salvo menção, são minhas.

³ “Inocentes num cárcere, anjos num inferno” (HUGO, 1856, p.208).

⁴ O trecho corresponde à quinta parte do poema. Não há, até onde sei, tradução de “*Mélancholia*” em português, nem mesmo na coletânea organizada por Múcio Teixeira, as *Hugonianas*, com poemas traduzidos por Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, dentre tantos outros, e onde Múcio afirmaria ser Victor Hugo “o poeta que maior influência exerce sobre a poesia brasileira” (TEIXEIRA, 1885, p.XXIV).

Pai nosso, veja o que de nós os homens fazem!”
Ó servidão infame imposta à criança!
Raquitismo! Sopro sufocante que desfaz
O que Deus fez; que mata, obra demente,
A beleza nos rostos, nos corações o juízo!
E que faria — este é seu fruto previsível —
De Apolo, um corcunda, de Voltaire, um cretino!
Trabalho que captura a idade tenra com sua serra,
Que produz a riqueza criando a miséria,
Que se serve da infância como uma ferramenta!
Progresso a que perguntamos: “Aonde vai? O que quer?”
Que esmaga a juventude em flor. Que dá, em suma,
Uma alma à máquina, subtraída ao homem!
Que esse trabalho, ódio das mães, seja maldito.
Maldito como o vício em que degeneramos.
Maldito como o opróbrio e como a blasfêmia.
Ó Deus, que ele seja maldito em nome do trabalho,
Do verdadeiro trabalho, generoso, são, fértil,
Que torna um povo livre, e o homem, afortunado!

*[Où vont tous ces enfants dont pas un seul ne rit?
Ces doux êtres pensifs, que la fièvre maigrit?
Ces filles de huit ans qu'on voit cheminer seules?
Ils s'en vont travailler quinze heures sous des meules;
Ils vont, de l'aube au soir, faire éternellement
Dans la même prison le même mouvement.
Accroupis sous les dents d'une machine sombre,
Monstre hideux qui mâche on ne sait quoi dans l'ombre,
Innocents dans un baigne, anges dans un enfer,
Ils travaillent. Tout est d'airain, tout est de fer.
Jamais on ne s'arrête et jamais on ne joue.
Aussi quelle pâleur! la cendre est sur leur joue.
Il fait à peine jour, ils sont déjà bien las.
Ils ne comprennent rien à leur destin, hélas!
Ils semblent dire à Dieu: "Petits comme nous sommes,
Notre père, voyez ce que nous font les hommes!"
Ô servitude infâme imposée à l'enfant!
Rachitisme! travail dont le souffle étouffant
Défait ce qu'a fait Dieu; qui tue, œuvre insensée,
La beauté sur les fronts, dans les cœurs la pensée,
Et qui ferait — c'est là son fruit le plus certain —*

*D'Apollon un bossu, de Voltaire un crétin!
Travail mauvais qui prend l'âge tendre en sa serre,
Qui produit la richesse en creant la misère,
Qui se sert d'un enfant ainsi que d'un outill
Progrès dont on demande: "Où va-t-il? que veut-il?"
Qui brise la jeunesse en fleur! qui donne, en somme,
Une âme à la machine et la retire à l'homme!
Que ce travail, haï des meres, soit maudit!
Maudit comme le vice où l'on s'abatardit,
Maudit comme l'opprobre et comme le blasphème!
Ô Dieu! qu'il soit maudit au nom du travail même,
Au nom du vrai travail, sain, fécond, généreux,
Qui fait le peuple libre et qui rend l'homme heureux!]* (HUGO,
1856, p.208-209).

No poema, há várias aproximações possíveis ao leitor do poeta brasileiro: o tema do progresso, visto em ambos de forma ambivalente, ou o tema da escravidão moderna, da “servidão” em Hugo, reduzida, neste poema, ao trabalho infantil. Servidão que não é aqui uma maldição, como em “Vozes d’África”⁵. Ela deve ser amaldiçoada, “*que ce travail [...] soit maudit!*”

Antonio Candido (1993), na *Formação da literatura brasileira*, no capítulo dedicado a Castro Alves, sugeriu outras aproximações. Estão em três momentos, o primeiro deles particularmente expressivo, porque modaliza, por meio da comparação com o poeta francês, o fato de considerar o autor de “O Navio Negreiro” o maior poeta do Romantismo brasileiro.

É portanto, um grande poeta, quiçá o maior do Romantismo; deve haver explicação para a coexistência, nele, de voos tão belos e descaídas tão frequentes — como se observa também na obra do seu mestre Victor Hugo. (CANDIDO, 1993, p.246).

Em Castro Alves — como em Victor Hugo, Byron, Shelley — a poesia existe primeiro no conjunto, em seguida nas partes, nos pontos de ossificação da imagem e do ritmo interno [...] o movimento essencial do seu estro deve ser apreendido em função da amplitude que envolve o sistema estrófico. (CANDIDO, 1993, p.246).

⁵ Confira Alves (1960).

O seu sentimentalismo amoroso percorre a gama completa da carne e do espírito; é adulto, numa palavra, como o de Victor Hugo, a quem prendiam-no afinidades profundas, não mera influência literária. (CANDIDO, 1993, p.252).

Alfredo Bosi (1994), na *História concisa da literatura brasileira*, também propôs um percurso aproximativo. Indica, por exemplo, as restrições de seu tempo à poesia de Castro Alves e cita o escritor francês André Gide na chave que está em Antonio Candido: “*Victor Hugo est le plus grand poète français, hélas!...*” (BOSI, 1994, p.124)⁶. Na *Dialética da colonização*, aponta, com o auxílio de Victor Hugo, para uma dimensão fundamental da poesia de ambos, que é o futuro:

Aos olhos da nova geração, o futuro era a única dimensão a ser contemplada; e os poemas de Castro Alves diriam eloquentemente das esperanças postas no século *grande e forte*, segundo os epítetos de seu modelo: Victor Hugo. (BOSI, 1992, p.246, grifo do autor).

Em “Castro Alves, leitor de Hugo: da luta social ao antiesclavagismo”, Amélia Maria Correia (2014), retraça caminhos mais antigos da crítica. Relembra a “similitude de gênio”, apontada por Afrânio Peixoto, que anteciparia as “afinidades profundas” de Candido — e há muito a dizer sobre a noção de “gênio”, conceito do século XVIII com o qual se expressa a originalidade poética em sua relação com a inspiração divina, com processos da imaginação e do inconsciente⁷. Diz-nos ainda, por meio de citação de José Veríssimo, que Castro Alves teria sido o único em que Hugo “vive de fato” (CORREIA, 2014, p.268). Não nos cabe aqui refazer esse caminho crítico. Há, contudo, um fragmento do famoso discurso de Victor Hugo sobre a miséria, pronunciado em 9 de julho de 1849, que nos auxilia a retomar algo que nos sugere que chamou de “espírito de militância” (CORREIA, 2014, p.270):

Sou desses que pensam e que afirmam que podemos destruir a miséria. Observem bem, senhores, não estou dizendo diminuir, amenizar, limitar, circunscrever, estou dizendo destruir. A miséria é uma doença do corpo

⁶ “Victor Hugo é o maior poeta francês, infelizmente!...” (BOSI, 1994, p.124).

⁷ Confira a esse respeito o verbete “*Genius*” da *The New Princeton Encyclopedia of poetry and poetics* (PREMINGER; BROGAN, 1993, p.455-456), que aponta para o lugar no século XVIII de teorias que passam a ver as fontes da originalidade e da criação poética como externas.

social como a lepra era uma doença do corpo humano. [...] No mês passado, durante o recrudescimento da epidemia de cólera, encontraram uma mãe e seus quatro filhos procurando comida nos restos imundos e fétidos das valas comuns de Montfaucon!

[Je suis de ceux qui pensent et qui affirment qu'on peut détruire la misère. Remarquez-le bien, Messieurs, je ne dis pas diminuer, amoindrir, limiter, circonscrire, je dis détruire. La misère est une maladie du corps social comme la lèpre était une maladie du corps humain.[...] Le mois passé, pendant la recrudescence du choléra, on a trouvé une mère et ses quatre enfants qui cherchaient leur nourriture dans les débris immondes et pestilentiels des charniers de Montfaucon!] (HUGO, 1851, p.13).

No trecho, vê-se o modo como Hugo compreende a miséria não como algo natural mas como uma doença do “corpo social”⁸. Diante dela, no entanto, não discursa de forma geral. No texto de sua intervenção, traz três exemplos: de famílias amontoadas para se aquecer, da mãe com seus filhos e de um “homem de letras” que teria morrido de fome. De algum modo, pode-se afirmar será essa a função da poesia também para Castro Alves: da palavra poética como esse lugar que dá a ver a miséria ou a injustiça. Um trecho do poeta brasileiro, extraído do artigo intitulado “Impressões da leitura das poesias do Sr. A. A. de Mendonça”, é um diálogo possível com esse discurso. Afirma-nos: “Quanto a seu fim, a poesia deve ser o arauto da liberdade — esse verbo na redenção moderna — e o brado ardente contra os usurpadores dos direitos do povo.” (ALVES, 1960, p.672).

O trecho é curto, mas nos permite notar alguns outros elementos. O primeiro deles, a relação entre poesia e liberdade, como se coubesse ao poeta ou ao arauto/orador proclamar essa liberdade. No panorama romântico são várias delas: contra os “preceitos asfíxiadores da escola clássica” (ALVES, 1960, p.672), liberdade formal; contra o decoro da imagem, e daí uma amplitude ou ousadia que correspondem ao desejo de representar os “espetáculos do mundo”, afirmaria mais à frente (ALVES, 1960, p.680). De um mundo com seus mistérios e forças naturais que o poeta deve evocar mesmo que com metáforas e comparações exageradas: os clarões avermelhados de Hoffmann, o céu chumboso da Alemanha que “[...] se estende como um crepe mortuário por sobre os vetustos castelos de Berchingen” (ALVES, 1960, p.670).

⁸ Trata-se de uma noção complexa percorrida por Michel Foucault. Confira a esse respeito Merlin (2009).

Trata-se, ainda, de ver-se, de algum modo, livre diante de toda a história. Castro Alves diria que “a poesia assimila a si todas as nuances das ideias das épocas” (ALVES, 1960, p.670). O momento presente teria o seu vínculo, portanto, com a redenção cristã, e o verbo poético, por sua vez, reencenaria o “verbo” do início do Evangelho de João — “no princípio era o verbo” (*logos* em grego) — com uma dimensão religiosa que em Castro Alves é razão: “[...] a religião passou para o domínio da razão — bela e santa, como tudo que pertence ao homem pela inteligência e não pelo terror.” (ALVES, 1960, p.672)⁹.

Por fim, uma última liberdade: a de revelar todas as injustiças, mesmo contra as autoridades ou os símbolos da nacionalidade. No artigo sobre a poesia de A. A. de Mendonça, diria que “[...] o desprezo da pátria é muitas vezes a rubrica da dedicação e da honra.” (ALVES, 1960, p.677). É algo que está em dois versos veementes de “O Navio Negroiro”: “E existe um povo que a bandeira empresta/ Pra cobrir tanta infâmia e cobardia!...” (ALVES, 1960, p.283).

Tal “espírito de militância” se faz com apelo ao discurso jurídico. É como se a miséria fosse fruto da ausência de lei, ou como se o corpo social pudesse ser regulado, curado pelo cumprimento de um conjunto de direitos. Pela palavra da lei. Victor Hugo, no discurso da Assembleia, afirmaria: “[...] os senhores fizeram leis contra a anarquia, façam agora leis contra a miséria [...]” (HUGO, 1851, p.15)¹⁰, no mesmo caminho do poema “*Mélancholia*”. Faz com que o mal, ainda que representado muitas vezes de forma individual — a história de uma família, a relação entre mãe e filhos — não seja concebido em termos individuais, mas coletivos. A defesa de direitos se expressa numa poesia que é construída na proximidade desse discurso público, com um “pantagruelismo carnívoro da oratória”, diria Mário de Andrade (1943, p.157) a respeito de Castro Alves, que foi aluno da Faculdade de Direito de São Paulo.

São aproximações possíveis, portanto, que trazem dimensões políticas, éticas, poéticas. Paul Bénichou (2004), em *Le Sacre de l'écrivain*, no capítulo sobre Hugo, lembra-nos que a ideia do sacerdócio poético moderno, de uma missão civilizadora da poesia, assumiria diferentes projetos: de um monarquismo cristão a uma soberania da arte, que ultrapassariam valores consagrados do conhecimento ou da moral, e diferentes formas, como a da ode ou da balada, em diálogo com uma “irrupção do sobrenatural” nas literaturas inglesa e alemã (BENICHOU, 2004, p.370).

⁹ Há toda uma reflexão em Mário de Andrade (1943) sobre o racionalismo de Castro Alves, no capítulo reunido em *Aspectos da literatura brasileira*, que talvez pudesse conversar com esse lugar da religiosidade.

¹⁰ “*Vous avez fait des lois contre l'anarchie, faites maintenant des lois contre la misère!*” (HUGO, 1851, p.15).

Caminhos religiosos: as visões e a missão

Há muitos anos encontrei por acaso, na portaria de um prédio, uma revista que estava na mesinha do saguão de elevadores, não sei se abandonada de forma proposital, onde havia um poema atribuído a Castro Alves desconhecido para mim, chamado “Esperanto”. Cito um trecho:

Na Terra inda há sombra inglória
Da noite do mundo velho,
Embora seja o Evangelho
O Amor que do Alto reluz!
No limiar da vitória
Das verdades do Infinito,
Esperanto! Sê bendito
Ao doce olhar de Jesus!¹¹

Trata-se de um poema psicografado por Chico Xavier em sessão pública de 26 de maio de 1947, publicado no livro de Altamirando Carneiro (1993), intitulado *Castro Alves e o Espiritismo*. Nele, o propósito de uma linguagem universal, sem fronteiras, pré-babélica — a do esperanto — parecia adequado a uma leitura religiosa de Castro Alves. É como se a vinda de Jesus, no poema, não apenas nos livrasse dos pecados porém restituísse uma comunicação universal, dentro do princípio da pregação de São Paulo.

Mais recentemente saiu no Brasil, em tradução de André Telles, o *Livro das mesas* de Victor Hugo (2018), onde se reúnem transcrições das sessões espíritas de que participaram o poeta francês e sua família entre 1853 e 1855, no momento de seu exílio na ilha de Jersey. Dele constam relatos de espíritos como “O drama”, que teriam aconselhado o poeta a abster-se de qualquer publicidade das sessões, e que justificariam o fato de o livro ter permanecido inédito por muitos anos.

Nos dois casos, há muitas questões que surgem. Ambos, texto psicografado e *Livro das Mesas*, põem-nos diante de um tema recorrente à poesia romântica, que é a presença de espíritos e visões ou à “irrupção do sobrenatural”, segundo Paul Bénichou (2004). Em Castro Alves, por exemplo, está na série “Os anjos da meia noite”, em que o eu lírico pede para que fantasmas de amadas reapareçam: “Vinde, fantasmas! Eu vos amo ainda” (ALVES, 1960, p.171). Um deles, a sombra de “Fabíola” na quarta parte:

¹¹ Confira Carneiro (1993, p.73).

Como teu riso dói... como na treva
Os lêmures respondem no infinito:
Tens o aspecto do pássaro maldito,
Que em sânie de cadáveres se ceva!

Filha da noite! A ventania leva
Um soluço de amor pungente, aflito...
Fabíola! É teu nome!... Escuta... é um grito,
Que lacerante para os céus s'eleva!... (ALVES, 1960, p.173).

Trata-se de gesto semelhante ao de Bittencourt Sampaio, que foi membro fundador da Sociedade de Estudos Espíritas “Deus, Cristo e Caridade”, no poema “A sonâmbula”:

Alta noite nas trevas perdida
Branca sombra de um'alma sentida
Aérea caminha... caminha a voar!...
Parece a neblina levada do vento,
Da noite ao relento
Fantasma que a mente costuma sonhar! (SAMPAIO, 1860, p.51).

O tema está também num conjunto de “Visões” de Gonçalves Dias, publicado nos *Primeiros cantos*, de que faz parte o texto “Fantasmas” com suas “mestas sombras dos que foram” (DIAS, 1846, p.116). Ou nas “Horas malditas”, “Madrugada a beira-mar” e “Sombras” de Fagundes Varela. E até em Machado de Assis, em *Falenas*, livro anterior a *Espumas flutuantes*, num poema intitulado “Sombras”¹², de que cito um trecho:

Quando em obscuro templo a fraca luz de um círio
Apenas alumia a nave e o grande altar
E deixa todo o resto em treva, — e o nosso olhar
Cuida ver ressurgindo, ao longe, dentre as portas
As sombras imortais das criaturas mortas,
Palpita o coração de assombro e de terror. (ASSIS, 2009, p.75).

É o que se vê, igualmente, em “A visão dos mortos” de Castro Alves, publicado em *Os Escravos*:

¹² Em crônica publicada em 5 de outubro de 1885 na *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis faz menção às conferências espíritas que haviam se tornado populares. O texto se inicia do seguinte modo: “Mal adivinham os leitores onde estive sexta-feira. Lá vai; estive na sala da Federação Espírita Brasileira, onde ouvi a conferência que fez o Sr. M. F. Figueira sobre o espiritismo.” (ASSIS, 2013, p.65).

Nas horas tristes que em neblinas densas
A terra envolta num sudário dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
— Cúpula imensa dum sepulcro enorme, —
Um grito passa despertando os ares,
Levanta as lousas invisível mão.
Os mortos saltam, poeirentos, lívidos
Da lua pálida ao fatal clarão. (ALVES, 1960, p.218).

No poema vê-se a estátua de Tiradentes que condenaria o povo que “fizemos forte”, porém que se deixara inundar do “sangue escravo”. Como na mesa de Victor Hugo, vêm-nos os mortos como uma espécie de legião de grandes espíritos que clama por justiça.

Como se sabe, sombras, espectros e visões são um tema antigo da literatura. Estão em Shakespeare, no *Hamlet*, ou na figura do Comendador do *Don Juan* de Tirso de Molina, também ele uma estátua. Não são exclusividade romântica. Parecem indicar uma prolongação da vida por um período indefinido, conforme explicitou Jean Delumeau em seu capítulo sobre os “revenants” em *La Peur en Occident*, tanto quanto a crença numa “nova vida terrestre dos mortos, ao menos durante um tempo” (DELUMEAU, 1978, p.111), que é também a compreensão da morte como um fenômeno gradual, progressivo (DELUMEAU, 1978, p.113). É como se estes, os mortos, aos poucos fossem se despindo de sua forma visível e, nesse tempo, de caráter sempre indefinido, vagassem entre nós.

Erich Auerbach (2007), no ensaio “A descoberta de Dante no Romantismo”, evidenciou o papel de Dante com figura do profeta capaz de fundir religião e poesia. Em Castro Alves, poemas como “O voo do gênio” e o “O Vidente” dialogam com esse movimento pelas sombras de *A Divina Comédia*¹³, mas também com um espaço fundamental à poesia ultra-romântica, o cemitério e a vida estudantil. O historiador Alberto da Costa e Silva relata, por exemplo, em sua biografia de Castro Alves, uma noite em que ele e Mello Moraes Filho, que era poeta e folclorista, teriam saído à rua vestidos de fantasmas, arrastando correntes para assustar os vizinhos (SILVA, 2006, p.73). Conta-nos, igualmente, do projeto de Castro Alves intitulado *Don Juan ou a prole dos Saturnos*, drama ultrarromântico ambientado num velório e num cemitério, sobre uma poção que simularia a morte para quem a ingerisse (SILVA, 2006).

¹³ Confira a esse respeito Vieira (2021).

Isso tudo embaralha o panorama romântico descrito frequentemente com suas supostas três fases para resultar, de repente, como que de forma abrupta, no simbolismo e em sua poesia religiosa. Há uma comunidade de temas que passam por esse lugar do mistério ou do desconhecido, como em Álvares de Azevedo, poeta lido com atenção por Castro Alves, e que produzem uma continuidade entre eles. Retomam o que está num poema de Hugo intitulado “*Ô gouffre! l'âme plonge et rapporte le doute*”¹⁴ do livro *Les Contemplations*, que traduzo em fragmento:

Contemplamos o obscuro, o desconhecido, o invisível
Sondamos o real, o ideal, o possível,
O ser, espectro sempre presente.
Vemos tremer a sombra indeterminada
Estamos debruçados sobre nosso destino,
Com o olhar fixo e o espírito fremente.

[*Nous contemplons l'obscur, l'inconnu, l'invisible.*
Nous sondons le réel, l'idéal, le possible,
L'être, spectre toujours présent.
Nous regardons trembler l'ombre indéterminée.
Nous sommes accoudés sur notre destinée,
L'œil fixe et l'esprit frémissant.] (HUGO, 1856, p.164).

No próprio livro *Les Contemplations*, há um conjunto de dezessete poemas de Hugo dedicados à filha que morreu afogada aos 19 anos, Leopoldine, episódio que está no *Livro das mesas*. Ela teria surgido numa sessão do dia 11 de setembro de 1853 e não houve dúvida para os presentes de que seria, de fato, ela:

— Você está feliz?
— sim.
— Onde você está?
— Luz.
— O que precisa para ir até você?
— Amar.

¹⁴ “Ó abismo! a alma mergulha e traz a dúvida”.

[— *Es-tu heureuse ?*
— *Oui.*
— *Où es-tu ?*
— *Lumière.*
— *Que faut-il pour aller à toi?*
— *Aimer.*] (HUGO, 2014).

Essa presença amorosa se tornaria o lugar de uma verdade espiritualista, conforme atesta Patrice Bovin no prefácio à edição francesa, que se espraiaria não só na direção do *Livro das mesas* — a aparição de Leopoldine está no início dele — mas também ao livro de poemas *Les Contemplations*, escrito no mesmo período.

E daí o eventual diálogo de Hugo com a doutrina espírita, lembrando que a *Revista espírita* foi publicada em 1858 e o *Livro dos médiuns*, em 1861, ou a relação de Hugo com Deus, ambas já suficientemente lastreadas por sua crítica. Em *Victor Hugo et Dieu: bibliographie d'une âme*, Emmanuel Godo (2002) propõe o seguinte projeto:

Hugo é um escritor engajado e não podemos fazer como se sua fé em Deus dissesse respeito apenas a uma experiência interior. Se essa experiência existe, num grau tão grande a ponto de considerarmos Hugo como um dos escritores mais místicos do século XIX, é preciso definir as implicações políticas, morais e filosóficas de sua busca pelo absoluto. (GODO, 2001, p.11)¹⁵.

Algumas dessas “implicações” indicadas por Emmanuel Godo, como se pode imaginar, são poéticas. Passam pela reatualização do texto Bíblico com o qual o próprio Castro Alves dialoga. Para Hugo, no prefácio ao *Cromwell*, a Bíblia é “um divino monumento lírico” onde há um “drama em germe” (HUGO, 1897, p.217). Não serão poucos os leitores de Hugo que observarão a relação de suas obras com o esquema bíblico, queda-expição/redenção, por exemplo, como no livro *Les Châtiments*¹⁶. Outros irão investigar a relação entre o Cristo e o povo. Na conclusão de *Napoléon-le-petit*, panfleto de Hugo publicado em 1852, Patrice

¹⁵ “*Hugo est un écrivain engagé et l'on ne peut faire comme si sa foi en Dieu ne concernait qu'une expérience intérieure. Si cette expérience existe, à un degré tel que l'on peut considérer Hugo comme l'un des écrivains les plus mystiques du XIXème siècle, il faut aussi définir les implications politiques, morales et philosophiques de sa quête d'absolu.*” (GODO, 2001, p.11).

¹⁶ Segundo Christophe Carlier, Pascal Debailly e Aude Lemeunier, no estudo *Profil d'une œuvre: Les Châtiments, 1853-1870*, os poemas “*Nox*”, “*L'expiation*” e “*Lux*” “[...] podem ser interpretados como a ruptura de uma ordem original seguida por uma fase de expiação inaugurada por *Les Châtiments*, antes da esperança de uma redenção, isto é, do retorno à justiça e à liberdade.” (CARLIER; DEBAILLY; LEMEUNIER, 1998).

Boivin observa como o povo francês é apresentado como um novo messias “[...] presidindo a cena das inteligências, multiplicando o pão da vida, marchando sobre as vagas das revoluções, curando as nações doentes.” (HUGO, 2014)¹⁷.

Nesse sentido, Paul Bénichou formula uma hipótese central. Por um lado, sugere a noção de um “sacerdócio laico” ou de uma “nova cléricatura” forjada pela revolução, com a pretensão de substituir um sistema espiritual, o da Igreja, por outro, com toda a dimensão de uma perfectibilidade espiritual. No livro *Le Temps des Prophètes*, afirma que a sociedade moderna parece ter, desde a sua origem, compensado os ideais seculares que destruiu, remediando a consciência de seu próprio prosaísmo com a “invenção de novas sublimidades”. A literatura se tornaria, assim, a expressão pública de novos valores antes mesmo de assumir o papel de um humanitarismo social (BÉNICHOU, 2004). E, com isso, um lugar de seriedade que o poeta adquire para si mesmo e uma crença na literatura, na palavra poética, como transformadora, herdando em parte funções que teriam sido da Igreja.

Essa nova fé apontaria, por outro lado, para a tensão com uma espécie de emburguesamento espiritual desse período, com valores que passariam pela família, o respeito ao próximo e o desejo de ser útil. Paul Bénichou lembra-nos que muitas vezes o que é caracterizado nessa poesia como “celeste” ou “divino” é quase sempre coisa humana (BÉNICHOU, 2004, p.44). O transcendente é visto da perspectiva de uma reabilitação do homem terreno ou de uma concepção de fé sem mistério. Tal presença burguesa no drama romântico não impede, no entanto, que ela seja questionada da perspectiva de ideais que seriam mais elevados, e por valores para além tanto dela quanto da aristocracia.

Os homens de letras se tornariam, nesse sentido, ministros do humano e de uma razão comum (BÉNICHOU, 2004, p.54), sendo promovidos a grandes figuras da humanidade. O elenco de autores citados por Castro Alves

¹⁷ A sugestão é da introdução de Patrice Boivin (2014) a *Le Livre de tables: “Pierre Albovy a longuement développé cette idée de révolution. En 1860, Hugo reprend son livre intitulé alors Les Misères et présente Mgr Myriel, figure de l’esprit de l’Évangile, “en face d’une lumière inconnue”, la lumière de la Révolution que le conventionnel définit comme “le plus puissant pas du genre humain depuis l’avènement du Christ” (Les Misérables, I, X). Le Christ Jésus annonce et préfigure cet autre Christ, le Peuple. Dans la Conclusion de Napoléon-le-Petit, le peuple français est présenté comme le nouveau Messie, présidant “la cène des intelligences”, multipliant “le pain de vie”, marchant “sur le flot des révolutions”, guérissant “les nations malades” bien que “la chaîne de l’Inquisition rivée à son pied” l’“aveugle”, “le vieux papisme” lui ayant “rempli les prunelles de brume et de nuit”. Mais la passion du Christ est tombée entre les mains des “hommes du passé”. “Les uns ont fourni la croix, les autres les clous, les autres le marteau. Falloux lui a mis au front la couronne d’épines. Montalembert lui a appuyé sur la bouche l’éponge de vinaigre et de fiel. Louis Bonaparte est le misérable soldat qui lui a donné le coup de lance au flanc et lui a fait jeter le cri suprême: Eli, Eli! Lamma Sabacthani!... Le peuple français est mort...” (Napoléon-le-Petit)./ Hugo prédit ensuite la résurrection du “Christ-Peuple” au troisième jour. Michelet, dans Le Peuple, voyait dans “Quatre-Vingt-Neuf” la “seconde époque” de Dieu, une nouvelle incarnation (Le Peuple, III).”*

e mencionados por Victor Hugo cumpre, de algum modo, essa função. Se há algo nessa poesia que envelheceu é esse propósito, e a forma poética particular que lhe servia: o encômio. Está num poema como “No álbum do artista Luís C. Amoêdo” de *Espumas Flutuantes*: “Artista, és belo assim.../ Este *santo pudor* é só dos gênios!” (ALVES, 1960, p.136, grifo do autor).

Por fim, o terreno principal ou a linguagem principal desse sacerdócio é a poesia. A própria poesia, o próprio nascimento da poesia é muitas vezes concebido como um fenômeno religioso. E a poesia, além disso, adquire a ambição de se tornar um lugar de conhecimento do mundo e de si. Diante dela se descortina toda a história por meio da qual o poeta estabelece relações, compara episódios, menciona as suas principais personagens. E há, como já se indicou, um desejo de instruir (BÉNICHOU, 2004, p.37) que se dirige a toda a sociedade e que pretende corrigi-la. Nesse panorama não é estranho que Castro Alves afirme que: “[...] a poesia hoje, é, pois, Byron, Barthélemy, Lamartine, Hugo — esses Cristos humanos.” (ALVES, 1960, p.671), ao que acrescenta, sempre expansivo: “hoje outro pensamento invade os crânios da humanidade; outra cruzada se arma, outra Jerusalém será *liberata*./ Esse pensamento é a liberdade, essa cruzada é a igualdade, essa Jerusalém — a humanidade” (ALVES, 1960, p.671).

Formas da tradução

Castro Alves traduziu vários poemas de Victor Hugo incluídos em seus próprios livros, *Espumas flutuantes* e *Os Escravos*. No primeiro deles estão, em meio a traduções de Lord Byron e Abigail Lozano — esta última publicada anteriormente no *Diário do Rio de Janeiro* com a menção de que teria sido traduzida “verso a verso do espanhol”¹⁸ —, uma tradução de Victor Hugo intitulada “Perseverando” e um poema, “As duas ilhas”, que vem com uma indicação curiosa: “sobre uma página de poesia de V. Hugo com o mesmo título”, e que traz Hugo como um de seus personagens. Sabe-se, além disso, que um longo poema traduzido, intitulado “A Olímpio”, não foi incluído nas *Espumas flutuantes* por sugestão do amigo Augusto Álvares Guimarães, para que o livro não ficasse tão grande: o texto de Hugo ocuparia dezesseis páginas. Em *Os Escravos*, por sua vez, consta o poema “Canto de Bug-Jargal”, única tradução do livro, trecho em prosa do romance de Hugo que já havia sido previamente traduzido por Gonçalves Dias com o mesmo expediente.

¹⁸ Essa informação, recuperada por Eugênio Gomes, foi suprimida da edição de *Espumas flutuantes*. Confira Alves (1960, p.809).

Não se trata aqui de retornar a essa tradução já analisada no estudo de Mateus Roman Pamboukian (2019), *Bug-Jargal: hipertextualidade e transposição de gênero no romantismo brasileiro*, que retoma, por sua vez, elementos de um estudo de Álvaro Faleiros (2008) sobre as traduções de Castro Alves e, que, ademais, menciona três outros estudiosos das traduções do poeta brasileiro: Alice de Oliveira Faria (1971), Cláudio Veiga (1986) e Maria Cecília de Moraes Pinto (2003)¹⁹. Tampouco pretende-se percorrer o caminho já trilhado pelo estudo *Revisão de Castro Alves* de Jamil Almansur Haddad (1953), que tem seu terceiro volume exclusivamente dedicado ao “Problema das influências literárias”, com o subtítulo “As raízes alienígenas e as autóctones”, o que significa afirmar que está atento a diálogos de Castro Alves também com a tradição brasileira. Nele observa-se algo fundamental, que é uma dimensão de cosmopolismo literário que está na base do movimento romântico (HADDAD, 1953) e que põe problema para quem avalia as literaturas do ponto de vista da autonomia nacional. Uma observação rápida das epígrafes de Castro Alves ou das citações diretas dentro dos poemas evidencia a quantidade de diálogos internacionais que essa poesia não só estabelece mas exhibe ao leitor. E não há dúvida quanto ao papel dessa relação: segundo Haddad (1953, p.15), “[...] a tradição será sempre consentânea com a criação, esta não alça voo para o céu sem pisar antes no solo firme daquela.”

No caso de Victor Hugo, que mereceu cinco asteriscos num mapa elaborado pelo crítico, proporcionais à sua influência sobre o poeta brasileiro, é notável, entretanto, a variedade de modos de tradução, que não será só a tradução “verso a verso”. Lembra-nos de uma prática da poesia romântica que tem a ver com a ideia de produzir variações a partir de um mote, de um tema previamente conhecido, ou de construir o poema a partir de deslocamentos do texto original, como parece ser o caso de “As duas ilhas”. Castro Alves se serve aí de rimas oxítonas, escreve em redondilha maior, metro popular em português, porém se apropria do texto original para dizer que as duas ilhas agora são Bonaparte e o próprio Victor Hugo. Se no poema de Hugo se tratava exclusivamente de Napoleão e de duas ilhas importantes para ele, a Córsega e Santa Helena, em Castro Alves, surge no lugar da Córsega a Ilha de Jersey do autor de *Os Miseráveis* e este, além disso, passa a ser visto como um gigante. Ambos, Napoleão e Hugo, “encaram a imensidade” e têm um breve diálogo com Deus. Segue o trecho inicial do texto francês e da “tradução” de Castro Alves:

¹⁹ Confira Faria (1971), Pinto (2003), Veiga (1986) e Faleiros (2008).

*Il est deux îles dont un monde
Sépare les deux Océans,
Et qui de loin dominant l'onde,
Comme des têtes de géants.
On devine, en voyant leurs cimes,
Que Dieu les tira des abîmes
Pour un formidable dessein;
Leur front de coups de foudre fume,
Sur leurs flancs nus la mer écume,
Des volcans grondent dans leur sein.* (HUGO, 1826, p.71-72).

[Quando à noite — às horas mortas —
O silêncio e a solidão
— Sob o dossel do infinito —
Dormem do mar n'amplidão,
Vê-se, por cima dos mares,
Rasgando o teto dos ares
Dois gigantescos perfis...
Olhando por sobre as vagas,
Atentos, longínquas plagas
Ao clarear dos fuzis.] (ALVES, 1960, p.164).

O espaço da tradução, como se vê, magnifica os dois lados. Por um lado, o tradutor se vê com liberdade para “variar” o texto de partida e produzir outro, sem momentos, por exemplo, como o da aclamação a Napoleão que estão em “*À deux îles*”: “*Gloire à Napoléon! gloire au maître suprême!*” (HUGO, 1867, p.43). Por outro lado, explicita no poema novo uma das dimensões do processo tradutório, que é a homenagem ao autor traduzido. Hugo se torna não o texto de origem ou uma inspiração, como na epígrafe de “O século” — “O século é grande e forte”, praticamente repetida no primeiro verso do poema de *Os Escravos* (ALVES, 1960, p.212) — mas a sua heróica personagem principal.

Mas há também outras liberdades, como no poema “Perseverando” de *Espumas flutuantes*:

*L'aigle, c'est le génie! oiseau de la tempête,
Qui des monts les plus hauts cherche le plus haut faite;
Dont le cri fier, du jour chante l'ardent réveil;
Qui ne souille jamais sa serre dans la fange,
Et dont l'œil flamboyant incessamment échange
Des éclairs avec le soleil.* (HUGO, 1867, p.63).

[A águia é o gênio... Da tormenta o pássaro,
Que do monte arremete altivo píncaro,
Qu'ergue um grito aos fulgores do arrebol,
Cuja garra jamais se peia em lodo,
E cujo olhar de fogo troca raios
— Contra os raios do sol.] (ALVES, 1960, p.147).

No fragmento é possível observar a capacidade de síntese do poeta brasileiro, sobretudo no segundo verso: “arremeter” é um verbo preciso, mas seu uso como transitivo direto, “arremeter altivo”, torna a imagem surpreendente, tanto mais pelo fato de “altivo” referir-se a píncaro e a pássaro. É também surpreendente o fato de Castro Alves não retomar a rima *tempête/faîte* de Hugo, mas construir essa relação entre “pássaro” “píncaro”, duas palavras proparoxítonas pouco comuns em final de verso e que não rimam. Acompanha-as de rimas oxítonas, *soll/arrebol*, sonoras como em francês, produzindo outras relações: fulgores/fogo, raios dos olhos/raios do sol. Em alguns momentos, produz o que sugere Jamil Almansur Haddad (1953) na comparação dos dois poetas a partir de três figuras: esquematização, hipertrofia e antítese, que são figuras importantes para assegurar a legibilidade de uma poesia que se fazia frequentemente de forma oral, e cujo espaço de difusão é não só o livro, mas a voz.

Convém, entretanto, fazer uma última menção ao poema “A Olímpio”, que foi traduzido próximo ao metro francês, com a alternância de alexandrinos e hexassílabos. Nele vê-se surgir o ideal de um homem e de um poeta que ambos, Castro Alves e Hugo, partilharam. Trata-se de um homem, como nos propõe Amélia Maria Correia, que atua no mundo sob o olhar de Deus: “[...] a determinação e a perseverança do Homem fundem-se com a obra de Deus ou dão cumprimento aos seus desígnios.” (CORREIA, 2014, p.270). Se há algo nessa mensagem que se pretende universal — e o drama da escravidão é frequentemente universalizado em Castro Alves, com menção ao texto bíblico ou à “mancha original” em “Vozes d’África” (ALVES, 1960, p.293) — tanto a presença de Hugo quanto as suas traduções são lugares possíveis da construção desse universal. O trânsito tradutório é a possibilidade de legitimar os próprios ideais do poeta brasileiro aliados com o grande autor, legitimados pela história e pela literatura. É também a possibilidade de transmitir um núcleo de conhecimento por meio da palavra poética. Ideal, justiça, direito e espírito são palavras frequentes a esse gesto. Missão é outra delas. Corresponde ao desejo que estabelece, em ambos, um elo entre o mundo visível e o invisível.

Consola-te, poeta, um dia, talvez breve,
Eles t'hão de voltar,
E verão que aparece altiva exposta ao sol
Tua frente a brilhar.

[...] Não me consoles, não, e não te aflijas muito...
Eu 'stou calmo, impassível.
Eu não olho jamais para o mundo deste mundo.
Mas pra o mundo invisível. (ALVES, 1960, p.517, 519).

BETWEEN VICTOR HUGO AND CASTRO ALVES: RELIGIOSITY AND TRANSLATION

ABSTRACT: *This article aims to bring together the poetics of Victor Hugo and Castro Alves from the attempt to understand their religious place, around the presence of visions, the idea of mission, and of what Paul Bénichou defined as a “modern poetic priesthood.” It also discusses some of the translations undertaken by the Brazilian poet.*

KEYWORDS: *Victor Hugo. Castro Alves. Brazilian poetry. French poetry. Religiosity. Translation.*

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. de C. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960.
- ANDRADE, M. de. **Aspectos da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Americ-edit, 1943.
- ASSIS, M. de. **A poesia completa**. Edição organizada por Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Edusp/Nankin, 2009.
- AUERBACH, E. A descoberta de Dante no romantismo. *In*: AUERBACH, E. **Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica**. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Ed. 34, 2007. p. 290-299.
- BAUDELAIRE, C. **Les Fleurs du mal**. Édition de Jacques Dupont. Paris: Flammarion, 1991.
- BÉNICHOU, P. **Romantismes français I: Le Sacre de l'écrivain, Le Temps des prophètes**. Paris: Gallimard, 2004.
- BOIVIN, P. Introduction. *In*: HUGO, V. **Le livre des tables: les séances spirites de Jersey**. Édition de Patrice Boivin. Paris: Gallimard, 2014. (ed. eletrônica).
- BOSI, A. **Histórica concisa da literatura brasileira**. Cultrix: São Paulo, 1994.

- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1993.
- DIAS, G. **Primeiros Cantos: poesia**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846.
- CARLIER, C. C.; DEBAILLY, P.; LEMEUNIER, A. **Profil d'une œuvre: Les Châtiments, 1853-1870: Victor Hugo**. Paris: Hatier, 1998.
- CARNEIRO, A. **Castro Alves e o Espiritismo**. São Paulo: FEESP, 1993.
- CORREIA, A. M. Castro Alves, leitor de Hugo. Da luta social ao Antiesclavagismo. **Limite**, Badajoz, n.8, p. 267-288, 2014.
- DELUMEAU, J. **La Peur en Occident (XVIIe-XVIIIe siècles)**. Paris: Fayard, 1978.
- FALEIROS, Á. Em busca de Castro Alves tradutor. *In*: GUERINI, A; TORRES, M. -H. C.; COSTA, W. C. **Literatura traduzida e literatura nacional**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 121-132.
- FARIA, A. de O. Itinerário mussetiano na poesia de Castro Alves. **Alfa**, São Paulo, n. 17, p.5-35, 1971.
- GODO, E. **Victor Hugo et Dieu: bibliographie d'une âme**. Paris: Cerf, 2002.
- HADDAD, J. A. **Revisão de Castro Alves**. São Paulo: Saraiva, 1953.
- HUGO, V. **O livro das mesas**. Tradução de André Telles. São Paulo: Três Estrelas: 2018.
- HUGO, V. **Le livre des tables: les séances spirites de Jersey**. Édition de Patrice Boivin. Paris: Gallimard, 2014 (ed. eletrônica).
- HUGO, V. **La Préface de Cromwell: introduction, textes et notes**. Paris: Société Française d'imprimerie et de librairie, 1897.
- HUGO, V. **La fin de Satan**. Paris: E. Huguot, 1887.
- HUGO, V. **Odes et ballades**. Paris: J. Hetzel, 1867.
- HUGO, V. **Les contemplations**. Paris: M. Lévy Frères/Libraires Éditeurs, 1856.
- HUGO, V. **Quatorze discours**. Paris: À la librairie nouvelle, 1851.
- HUGO, V. **Odes et ballades**. Paris: Ladvoat, 1826.
- MERLIN, M. Foucault, le pouvoir et le problème du corps social. **Idées économiques et sociales**, Paris, v.155, n.1, p. 51-59, 2009.

Pablo Simpson

PAMBOUKIAN, M. R. **Bug-Jargal**: hipertextualidade e transposição de gênero no romantismo brasileiro. 2019. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2019.

PINTO, M. C. Q. de M. Modelos franceses no romantismo brasileiro. *In*: MATOS, E. et al. **A presença de Castelo**. São Paulo: Humanitas, 2003. p.605-618.

PREMINGER, A.; BROGAN, T. V. F. **The New Princeton Encyclopedia of poetry and poetics**. New Jersey: Princeton University Press, 1993.

SAMPAIO, B. **Flores Silvestres**. Garnier: Rio de Janeiro, 1860.

SILVA, A. da C. **Castro Alves**. São Paulo: Compainha das Letras, 2006.

TEIXEIRA, M. **Hugonianas**: poesias de Victor Hugo traduzidas por poetas brasileiros. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885.

VEIGA, C. **Prosadores e poetas da Bahia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

VIEIRA, M. S. O sonho dantesco e o pesadelo de Castro Alves: a viagem do navio negreiro ao porto da *città dolente*. Ou: Castro Alves e as leituras da *Divina Comédia* no Romantismo brasileiro”, **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 47, p.33-49, 2021.

